

Elizabeth Medeiros  
Pacheco >

Ellis Schmidt Suisso<sup>1</sup>

Gabriel Barbosa Gomes<sup>2</sup>

Karine Lemis<sup>3</sup>

Lais Lopes de Souza<sup>4</sup>

Paloma Dias de Freitas  
Gomes Soares<sup>5</sup>

Malu Louvain

Fabri Moraes<sup>6</sup>

Marina Balarini<sup>7</sup>

Raphaella Gomes  
Quintino<sup>8</sup>

Renato Santana  
Barbosa Meira<sup>9</sup>

>>

## Água Furtada

### Resumo

Apresentamos nossa pesquisa *O Corpo sem álibi*, cujo eixo experimental se faz pela resistência aos modos acelerados de funcionar: Tempo, uma experiência nada simples, quando podemos nos tornar sensíveis aos signos que nos afetam. A isto nos lançamos como uma rede ao mar – a escuta de si. A busca é conectar-se às sensações silenciosas de difícil acesso, imperceptíveis, em que pensamentos nos afluem. Entre propostas vividas no grupo de pesquisa PROAES-UFF e trabalhadas em narrativas pessoais, escolhemos escrever esta proposição poética na urdidura de nossas vivências preparatórias para a instalação *Labirinto*, realizada em 2017 e percorrida por 68 pessoas. Imagens sintonizando os líquidos que pulsam, circulam, vazam em nossos tecidos, em ressonância com as águas que mantêm a consistência dos mundos diversos.

**Palavras-chave:** Afetos. Águas. Fluxos. Ressonâncias.

### Abstract

We present our research *O Corpo sem álibi (The Body without Alibi)*, whose experimental axis is made by the resistance to accelerated modes of functioning: Time, an experience not at all simple, when we can become sensitive to the signs that affect us. We launch ourselves to it as a net to the sea – listening to the self. The search is to connect to imperceptible and inaccessible silent sensations, in which thoughts blow through us. Among proposals lived in the research group PROAES-UFF and developed in personal narratives, we chose to write this article in the warp of our preparatory experiences for the *Labirinto (Labyrinth)* installation, conducted in 2017 by 68 peoples. Images attuning liquids that pulsate and circulate, leaked in our tissues, in resonance with the waters that maintain the consistency of diverse worlds.

**Keywords:** Affects. Waters. Flows. Resonances.

> Docente da Universidade Federal Fluminense/Campos dos Goytacazes, tem doutorado em Psicologia pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade da PUC-SP. Pesquisa a dimensão estética da produção de subjetividade e a micropolítica da arte na clínica. Formada em Teatro (1975-1977) e oficinas com Boal (1979-1982), atua sobre o efeito das relações intransitivas e suas inscrições corporais que, nestes tempos, impregnaram todos os espaços de vida.

>> Biografias dos demais autores em nota de rodapé.

“Escrevo-te em desordem, bem sei. Mas é como vivo. Eu só trabalho com achados e perdidos.”  
(LISPECTOR, 1988, p. 72)

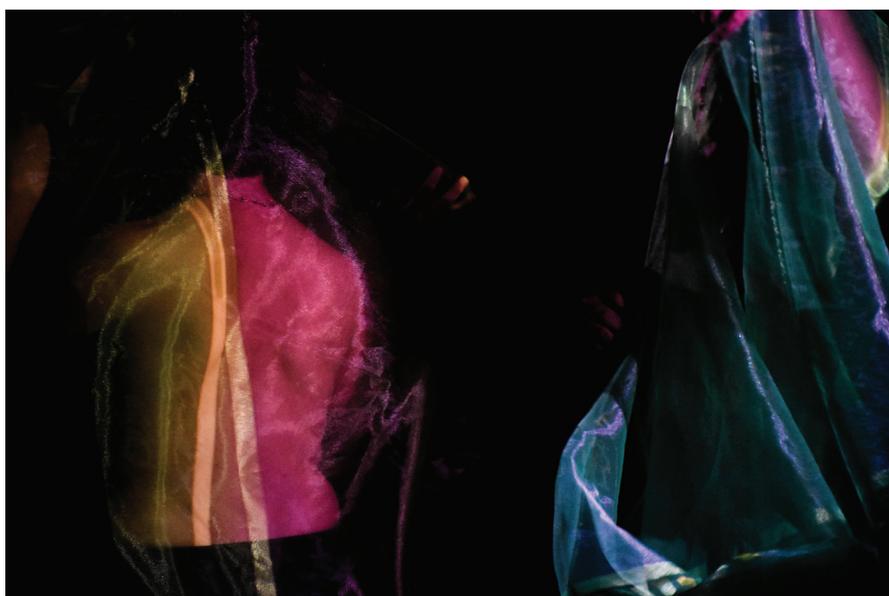
### **Das repetições dos comportamentos às experiências transbordantes**

Repetimos nossos hábitos todos os dias. Tomar um banho é um exemplo. No entanto, podemos nos colocar em modo automático e seguir o fluxo de uma vida funcional sem experimentar o seu sabor ou sem apreciar as suas águas. Uma questão intuitiva nos introduz um problema: ela diz que se as águas do nosso corpo estiverem muito agitadas, se os nossos pensamentos estiverem muito rápidos, então a experiência de um simples banho não será possível. Talvez possamos ampliar esse exemplo do banho para qualquer outra experiência e a qualquer um. Parece óbvio, mas as agitações giram o mundo cada vez mais rápido, com tantas coordenadas semióticas, fora ou dentro de nossas cabeças, numa pervasão audiovisual e a todo instante, que logo passamos a viver pelas urgências. Urgências que se inscrevem em nossos corpos, fazendo disparar velocidades de que não necessitamos. Portanto, durar em uma simples experiência pode ser um ato de resistência.

- 1 Graduada em psicologia pela UFF/Campos dos Goytacazes. Bolsista de Iniciação Científica do projeto de pesquisa “Espaços Políticos Abertos pela Literatura” (2016-2018). Participante dos projetos de pesquisa “O Corpo Sem Álibi” e de extensão “ImageCineSe” (2016-2017).
- 2 Graduando em psicologia pela Universidade Federal Fluminense (PUCG). Bolsista PROAES do projeto “O Corpo Sem Álibi”. Coautor do artigo “O Corpo cultivado da arte” publicado no dossiê Corporeidades da revista Fractal.
- 3 Graduada em psicologia pela UFF/Campos, é acrobata e treina tecido acrobático desde os 15 anos, já fez parte de um coletivo circense. Atualmente estuda e se encontra na expressão da música, poesia, dança, e nas pequenas brechas de magia do cotidiano.
- 4 Graduada em psicologia pela Universidade Federal Fluminense/Campos dos Goytacazes. Bolsista no projeto de pesquisa O Corpo sem álibi que busca, por meio de práticas corporais, desnaturalizar as marcas do capitalismo que nos são inscritas desde o nascimento.
- 5 Graduando em psicologia pela Universidade Federal Fluminense/Campos dos Goytacazes. Integrante do projeto de pesquisa “O Corpo Sem Álibi” e estagiária da Rede de Atenção Psicossocial de Campos.
- 6 Graduada em psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF-PUCG), participante desde 2014 do projeto de pesquisa-ação “O corpo sem álibi”. Interessa-se pelo estudo de práticas corporais ancestrais e contemporâneas, fotografia, poesia e universos experimentais afins.
- 7 Graduada em psicologia na UFF/Campos. Tem forte ligação com a música e canta nas horas vagas. Apaixonada pela psicanálise, pesquisa a produção de subjetividade.
- 8 Graduada em psicologia na UFF/Campos dos Goytacazes é artesã e produtora de eventos culturais; começou a frequentar o projeto O Corpo sem álibi desde seu ingresso na UFF, em agosto de 2017.
- 9 Graduando em psicologia na UFF/Campos desde 2015. Bolsista PROAES no Projeto de Pesquisa O Corpo Sem Álibi e Participante do Projeto de Extensão ImageCineSe em 2016-2017.

À medida que desejamos cultivar uma atenção plena, um cuidado de si, corremos dos encontros que transcendem para manter viva a graça de ser criança, preferindo os encontros ínfimos e iminentes, capazes de encher e aquecer nossas pequeninas células. Então nos lançamos ao mar do comum. Ou seja, crianças a fim de brincar de escrever debaixo d'água. Sim! Pois valoramos as brincadeiras impossíveis. Os Devires.

**Figura 1:**  
*Quem quer fugir por aqui?, instalação-labirinto* – Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2017.  
Fonte: Gabriela Fonseca (2017), usada com permissão



### Um banho com águas colorantes

... impulsionei meu corpo ao levantar da cadeira e larguei o celular contra a mesa. Fui até a cozinha, acendi o fogo para esquentar a sopa. Calculei o tempo que iria durar sua evaporação e comparei com o tempo que eu iria demorar a tomar um banho. Sim, tenho aula às 14h.

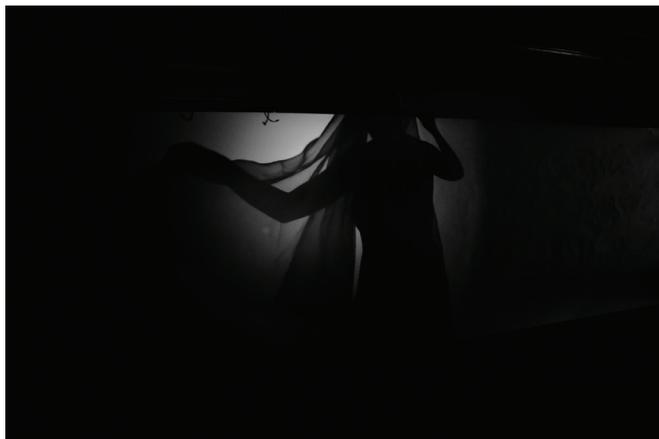
Simultaneamente, quando minha mão abriu a torneira do chuveiro, meus olhos se fecharam, um pensamento atravessou meu corpo, enquanto a água chovia sobre minha cabeça.

Essa matização dizia: se o seu corpo estiver mais rápido que a velocidade da água, então a experiência do banho não será possível.

Iniciou-se uma experiência com gestos manuais liberados dos procedimentos regulares do banho. Meus olhos procuravam tatear as cores, o chuveiro vibrava enquanto a água procurava pelas partes do meu corpo, confuso, querendo se limpar e estranhando as novas sensações. Talvez porque as relações dos gestos com a água ainda não tinham ganhado ritmo para compor com o lugar e, ao diferir das relações de cores e tons no pequeno espaço cúbico, aumentavam os efeitos de agitação. Até que escutei um espasmo nos músculos das costas:

Quem quer fugir por aqui?

**Figura 2:**  
*Anunciação 1/3,*  
*instalação-labirinto,*  
*Corpo sem Alibi –*  
 Universidade Federal  
 Fluminense,  
 Campos dos  
 Goytacazes, 2017  
 Fonte: Gabriela  
 Fonseca (2017), usada  
 com permissão



Analogicamente ao atleta nadador de hoje em dia, que conta mais com as pernas que os braços para ganhar velocidade na piscina, na competição social vence quem corre e não quem dança na água.

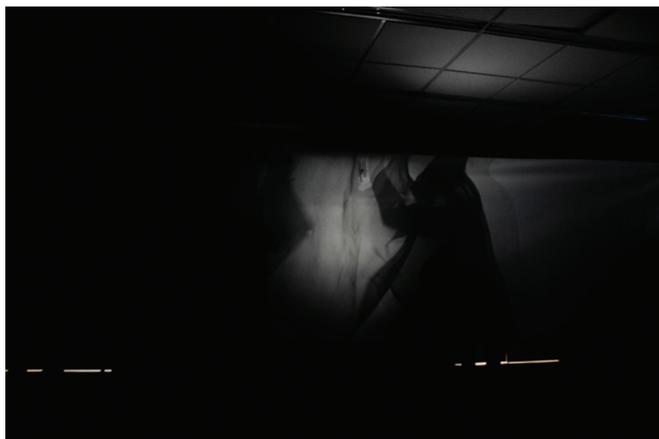
Já na experiência sensível, a água fluía como um rio quente na vertical, molhando as partes secas e aquecendo as viandas, enquanto o ar que vinha da janela diminuía a temperatura das células... fazendo a carne tremer.

Ao abrir os olhos dentro do espaço cúbico em que me encontrava, aceitei sem resistência as variações. Eram vários-sons, fazendo movimentos de expansão e contração até concavar...

Ao me virar, esbarrei acidentalmente na torneira, fazendo a água esquentar. Acordei para regular o chuveiro. Nesse momento, abaixei e ao levantar percebi o cheiro do perfume entrando nos poros. E soprei, como flechas de luz, o ar que estourava as bolhas de sabão.

Aconteceu: sintonizei a rapidez da água com a velocidade dos corpos, dancei. E então algum ímpeto capturou uma luz no tempo sem história, tornando-se um cubo de água colorante. Foi-se assim que me desconectei do banho com movimentos espirais de baixo para cima ou de cima para baixo, até secar meus olhos inundados pela água. E, ainda enrolado na toalha, desaguando de dentro do labirinto dos meus ouvidos, tornei à cozinha e vi o fogo queimando a minha sopa.

**Figura 3:**  
*Anunciação 2/3,*  
*instalação-labirinto,*  
*O Corpo sem alibi –*  
 Universidade Federal  
 Fluminense,  
 Campos dos  
 Goytacazes, 2017  
 Fonte: Gabriela  
 Fonseca (2017), usada  
 com permissão



## Um corpo a corpo transindividual

Não precisamos nos medicar, anestesiando os nossos corpos com essas novas pílulas de velocidades, mas procuremos sintonizar as sensorialidades, afinar os acordes, compondo com os ritmos para não sucumbirmos dentro de nossas cavernas e com medo das ondas do amanhã. Mergulhemos novamente no seio da questão, mas sem receio. Pois nadamos sem medo de beber das águas ignorantes, e sem receio de experimentar os perfumes eróticos que atravessam os muros permeáveis. Ousamos. Surfando por desejos híbridos e deslizando com as asinhas de fuga que se processam ao desviar dos mares imundos. Ignorando e dobrando sobre si as forças instituintes e singulares. Logo, se mergulhamos no mar de águas aparentemente semelhantes é somente para saltar e voar em direção ao céu das diferenças. Apostamos quase que cegamente na capacidade de magia, na fonte inesgotável de desejos de brincar com os outros que se aproximam, mas não sem estranhar. Há muito trabalho a fazer, procurando e desfazendo os nós que barram os fluxos e impedem as invenções estéticas na vida. Provocar os corpos sem álibis e fazê-los ressoar. Partimos o rosto de um suposto *EU* que se comporta para dar visibilidade ao gesto genuíno que dança.

**Figura 4:**  
Anunciação 3/3,  
instalação-labirinto,  
*O Corpo sem álibi* –  
Universidade Federal  
Fluminense,  
Campos dos  
Goytacazes, 2017  
Fonte: Gabriela  
Fonseca (2017), usada  
com permissão



Esse é nosso fluxo de sensorialidades, nossos corpos sem álibi, precários economicamente, sem dúvida, mas talvez de estranha beleza nos gestos desajeitados e desviantes em oposição às práticas razoáveis e normatizadas.

Há outros corpos sensíveis que se conectam loucamente com as velocidades e são levados todos os dias, compulsoriamente, para instituições de contenção, afogados em paradoxos negativos. A vida na dimensão ético-estética é o trabalho cotidiano e micropolítico de constituir um corpo capaz de suas intensidades. Para tanto, partimos implicados em nossos planos, pesquisando em caldeirões de líquidos quentes. Giramos até tornar visível, o visível tornado de sensações. E, ao girar essa repetição, nossos corpos nadam nas superfícies, até as linhas impossíveis da diferença.

## Fluxo e repetição

É gratificante poder proporcionar ao meu corpo a conexão com a ancestralidade que se encontra nas camadas de memórias, poder me reencontrar depois de milênios, usando as linguagens mais íntimas. A junção da história de cada partícula que me faz ser parte do todo, a rede que une. O encontro de organismos externos e internos me faz entender a magnitude da conexão. A fluidez do corpo, quando esbarra em matérias que o compõem, a água que me tornou universo, tornou a outros areia do mar. Fomos todos conectados de formas diversas, o que me faz compreender de modo muito mais intenso a singularidade.

## Um nadador comum em qualquer água

...impulsionei meu corpo e me lancei como uma flecha, porém não fui ao fundo, preferi deslizar nas superfícies.

Com os músculos em movimentos, senti o calor do Sol tocando as minhas costas, enquanto a água fria me mantinha molhado. E nestas diferentes temperaturas meu corpo se agitava para um lado e para o outro, como se fosse desviar ou fugir de alguém, mas não havia ninguém me perseguindo. Ainda muito confuso, percebi os pensamentos inundarem meu corpo, tomando por assalto as minhas energias. Essa permeabilidade dos contornos formava uma relação frágil com os elementos.

Quanto mais me movimentava, mais agitavam as ondas em mim. Parecia um corpo preso na areia movediça. Foi quando ouvi uma voz dizer: Já chega! E então parei, afundei.

Lá, no silêncio do fundo das águas, consegui ouvir minha respiração encher e esvaziar, e com o tempo tornei à superfície com as ondas mais tranquilas. Apreciei o canto dos pássaros e os ruídos de pessoas ao meu redor que, como um lençol cheiroso, me envolveram.

Continuei durando até sentir a sensação da água maior que eu. Isso me fez sorrir e curvar meu corpo, dando uma cambalhota. Fiquei tonto, mas acreditei que podia atravessar o fluxo das águas.

Em movimentos leves de expansão e contração, desejei ser um peixe. Mas quando cheguei à borda ergui minha cabeça e, ao olhar minhas mãos enrugadas, percebi que não sabia nadar.

Mergulhei, como havia feito anteriormente,  
mas não como havia feito anteriormente.

Dessa vez tive uma percepção mais atenta.

Ao mergulhar por baixo do paredão branco de espuma, atивou-se em mim

a percepção da onda.

Pude sentir que estava exatamente embaixo do girar da onda.

Meu corpo, por alguns segundos, se tornou um suporte sensível côncavo

Recebendo a espiral da onda nas costas com uma quase imobilidade.

A onda quebra e me levanto, começando de novo,  
mas a percepção é variante

e as ondas também.  
Superação.

Praia em dia de Sol, aquela sensação boa de estar ao mar.  
Mas abruptamente os sentidos se alertam, o mar recua.

A leitura é rápida, se aproxima a grande onda.

Não há hesitação / *exit*-ação no plano sensível.

Pego as crianças, as coloco em formação semicircular na  
parte frontal da lancha.

Sigo, sigo, sigo em velocidade, mar adentro, rumo ao  
além-onda.

### Mar ardendo

: chove (s)em mim! Algo de aguado vaza, mas não sei dizer de  
onde vem. Seiva bruta que se lança por todos os buracos, arreba-  
tadora e incontornável, desaguando no deserto em mim,

Sinto os raios me partirem do meio  
em meus vãos ouço os trovões

Tudo venta  
tudo treme.

Uma demolição se anuncia, chove dentro de mim!  
Meus corpos me convidam ao não controle.

Invadida e invertida pela tempestade.

Fico a imaginar de onde vem tanta água, quantos rios há  
dentro?

Há dentro?

Adentro nos fluxos circulatórios; quando jorram - explosão -  
por um furo,

deixando um pouco de si em cada poro que passam.

Ah, potência do choro...

Quando imersa nas águas que me habitam, me sinto  
acolhida pela imensidão-teia-aquática e o que se ouve

é efeito dos fluxos... som d'água correndo,  
ventando, vertendo, cortando.

Água viva. Chuva rasgante essa que sai de dentro, um eco  
sufocado, um encontro sem álibi. Navego das águas ao plasma,  
variações de mim-mundo.

Assim as superfícies se nutrem, e o cheiro de terra úmida  
me bebe.

**Figura 5:**  
*Mar-ardendo,*  
 instalação-labirinto,  
*O Corpo sem álibi* –  
 Universidade Federal  
 Fluminense, Campos  
 dos Goytacazes, 2017  
 Fonte: Gabriela  
 Fonseca (2017), usada  
 com permissão



**Figura 6:**  
*eMARanhado,*  
 instalação-labirinto,  
*O corpo sem álibi* –  
 Universidade Federal  
 Fluminense,  
 Campos dos  
 Goytacazes, 2017  
 Fonte: Gabriela  
 Fonseca (2017), usada  
 com permissão



### Ensaio sobre um mar

Mergulhei n'água, sentei no chão arenoso e abri os olhos. É muito frustrante ser míope. Não conseguia ver em cima d'água, tampouco debaixo dela.

Mas para que ver o que está debaixo d'água? Sem saber responder, subi à superfície. Não conseguia ver minha barraca de onde eu estava. Ao me certificar várias vezes da impossibilidade de achar o guarda-sol amarelo com um rasgo atípico do lado, dei por vencida e decidi voltar para debaixo d'água.

Sentei no chão do mar outra vez e fechei os olhos, já que não me serviam. Escutei um silêncio oco e logo percebera risadas de crianças ecoando ao fundo. Não sentia minhas pernas, pareciam dormentes, mas era mais como se estivessem suspensas e sem peso.

Meus ombros se soltaram, desprenderam a tensão, e meus braços... eu nem podia lembrar dos braços. As mãos, no entanto, assim como os pés, quase tateavam a água. Meu corpo tinha a mesma densidade dos meus cabelos.

Uma bolha escapou da minha boca, provocando cócegas nos meus lábios. O silêncio oco estava mais oco e não havia mais risadas. Não lembrava onde estava, não sabia o que estava fazendo; nada era urgente, nada permanecia.

Fiquei suspensa no tempo-espaço.

Meus pulmões deram aviso de que precisavam de ar, atendi

ao pedido dando um impulso para fora d'água. O som era arrasador, a luz do sol queimava meus olhos e pele, minha boca estava seca, pedia por água – o mar aberto nada poderia ajudar.

Contrariada, andei de volta para margem. Alice me gritou quando viu que passava direto da barraca. Sentei ao seu lado e olhei para o mar com a cumplicidade de quem guarda um segredo com o outro. É, finalmente aconteceu: o mar me fez parar no tempo.

dentre todas as coisas que  
soluçávamos juntos  
em vagões de trem  
beira de mar  
esquina de bar  
das folhas que estremecem o chão  
dentre todas as coisas  
que olhávamos  
e não víamos  
e olhávamos  
e penumbra

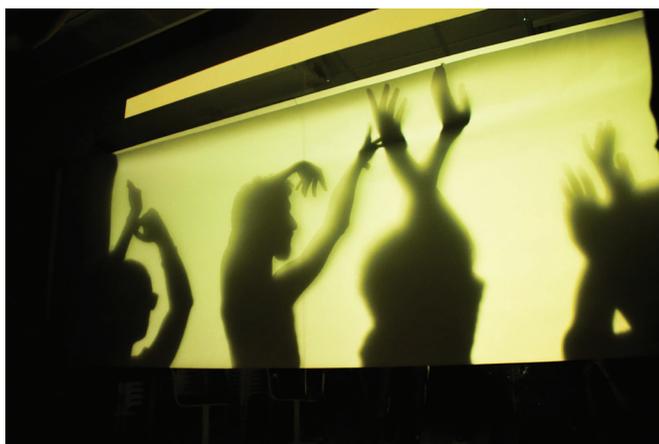
e molhávamos a varanda de suor e som  
e secávamos  
e secávamos como fazem os pelos  
e soprávamos como rezam as abelhas

dentre todas as coisas que  
não posso dizer  
até rimos  
caminhamos como naquele sonho  
de até breve

Da porta do banheiro pra dentro  
só tem eu,  
mas tem eu demais.  
Tem tanto eu  
que não consigo respirar.  
Não sei quem abriu o chuveiro  
e nem quem escreve  
mas sei que quem senta no chão  
após passar o *shampoo*  
não é quem assenta o cimento  
dos muros que separam  
o conjunto intrínseco e infinito de eu existente no corpo  
nomeado por  
Laís.  
Eu tô presa  
e eu prendo  
eu quero sair  
mas eu não saio  
grito baixo pra não incomodar  
nem eles  
nem eu  
ME DEIXA SAIR LAIS

Tiro meu alargador  
 o que me prendia no chão  
 me levanto e passo condicionador  
 a água escorre e com ela um pouco de mim  
 Mas tô tão cheia que não dá nem pra notar  
 por favor lais  
 me deixa sair  
 me deixa ser  
 Um grito que sai das pontas dos pés  
 se encaminha para as pernas  
 se junta no quadril  
 sobe a barriga  
 percorre os seios  
 e é freado fortemente na garganta  
 eu quero é me encarar  
 topar com aquele assentador de cimento  
 e pedir pra parar  
 pra deixar eu ser  
 E ele responde que também é  
 e é tanto  
 que faz o que faz  
 passo o sabonete na pele  
 com tanta violência de quem tem raiva de si  
 como se as partículas da minha pele carregassem o eu que  
 eu quero me livrar  
 Me enxaguo e me enxergo  
 enxergo o assentador de cimento  
 vagando junto às gotas de água  
 e ele ri para mim  
 e desligo o chuveiro.

**Figura 7:**  
*Vestida-de-luz,*  
*instalação-labirinto,*  
*O Corpo sem álibi –*  
 Universidade Federal  
 Fluminense,  
 Campos dos  
 Goytacazes, 2017  
 Fonte: Gabriela  
 Fonseca (2017), usada  
 com permissão



Frequentemente sinto meu corpo cansado, amanhece e não reconheço mais os esboços de sonhos que planejei na noite anterior. Durmo e sinto um sonho dentro de mim, ele não fala, mas toca como se tivesse sentidos, não sinto mais nada e vagueio entre os mais entregues sentimentos. Vejo-me no detalhe do lugar que parti e sinto uma tristeza que quer ser feliz. Incansavelmente coloco o disco da Júlia Branco pra tocar enquanto faço tudo, e nesse vai e vem de todos os dias eis que hoje me mergulho no

meu banho pra aliviar o cansaço, porque sim, às vezes bate um cansaço da vida, das angústias, da dor, cansaço até na eterna busca do meu ser. E então tiro minha roupa, mas não para um banho rápido como aqueles em que você é apenas obrigado a se limpar e sair para alguma obrigação, mas sim aqueles em que sinto cada parte minha.

Olho no espelho para cada pedacinho do meu corpo e mergulho no meu olhar no espelho, percebo uns cravos, mas ignoro, percebo coisas que não gosto em mim, mas ignoro, posso ficar horas ali me despindo para mim mesma; me preparando pra mim mesma, pro meu mergulho quente, quente pra alma, que relaxa meus ombros e pescoço que tanto doem.

Tomar um banho assim, mergulhar no meu chuveiro, mente, coração e deixar lavar e levar tudo embora por um instante.

Agora me sinto livre, leve, mergulhando em mim, nas minhas sensações, senti a água levando as coisas (e que coisas).

Eu me desnudo frente ao espelho para me vestir de água no chuveiro

E saio na rua com roupas leves vestida de Sol.

### Semióticas

Tudo que arde indica sinais de que há luz na terra, simbolizando um ar que respira a dor, sendo ícone de uma relação forte com as águas que, quando chuva, mudam o silêncio da flor.

### Insensatez ou... O Silêncio das águas

Cheguei pela manhã. Havia um cheiro de sala de espera... uma espera aguardada uma madrugada inteira. Nenhuma brisa, nenhuma ventilação. Pessoa alguma se dirigiu a mim no intuito de interromper meu gesto. Prossegui suave e firme em direção a seu corpo. Nenhuma palavra. Nenhum cumprimento. Estendi meus braços de modo a tocar sua testa com minha mão esquerda e seu ventre com a mão direita. Formava com ele um corpo conectado.

Assim permaneci de olhos fechados por longo tempo numa estranha prece sem voz nem palavra. Gesto preciso. Silêncio precioso. Seu corpo ainda me trazia vestígios de sua presença.

Embora se apresentassem todos os sinais de sua morte, não havia cadáver.

Ali estava aquele homem, meu pai, finito e agora. Nenhuma objeção da parte de algum parente ou amigo ou agentes funerários para que eu permanecesse nesta cena longa e longa o suficiente para que eu sentisse seu corpo pulsando em minhas mãos.

Isso não pode ser pronunciado porque me levaria à certeza da loucura iminente. Loucura! No entanto, eu o sinto em minhas mãos. Ele pulsa. Certeza sensível e ausência de qualquer razoabilidade. Como dar contorno inteligível a tal experiência? Como ignorá-la, contudo?

Iniciei a espreita dos sinais vitais. Sua tez pálida, amarelo sépia por toda superfície nua de seu rosto. Seu peito imóvel. Minha mão esquerda agora resfriada por sua testa gélida tornava

evidente a impossibilidade de qualquer troca, qualquer passagem de calor. Entropia plena... e, no entanto, aquela estranha pulsação lenta e ritmada garantia em mim a certeza de uma singular comunicação.

Mantive o silêncio de um segredo tão secreto, até para mim, que nem podia dar ouvidos às sensações que me mantinham nesse estado de suspensão. Não há sentido. Não há como deixar de sentir. Ele pulsa. Ele está morto. A vida pulsa agora. Ele finito.

O momento seguinte: fecham o caixão. Mantive o silêncio, o segredo.

Percorre-se o cortejo entre parentes e amigos. Mantenho o silêncio e o segredo.

Os homens da família colocam o caixão na cova, enquanto dois coveiros preparam a posição correta da lápide pesada. Mantenho o segredo e o silêncio.

Um terceiro coveiro se aproxima com um carrinho de mão, trazendo uma massa de cimento mole para vedar a laje que cobre o túmulo.

Agarro todo o cimento e subo sobre a lápide, massageando essa massa informe com gestos fortes e ritmados. Mantenho o silêncio.

Um par de primos me retira da cena louca do segredo não revelado: Mistério.

### Devastação Vertical

O cérebro repulsa o sopro póstumo ... último ritmo  
Intervalo  
que cinza poderá arrefecer os predicados da chama?  
qual luta reverterá a noite da solidão não desejada?  
que imagem capaz de tocar a medula da dor, já sem sujeito,  
nem gesto?  
nada a confessar  
todos os segredos se evanescem nessa ausência (de ti)

sem fôlegos para enigmas recolhe-se um e outro porquês  
esquecidos  
na caixa-preta ,  
nada a decifrar

desatadas as ambiguidades  
aguardo nua  
a meditação do mistério

in *sensa* tez

Foram precisos alguns anos, durante um curso de massagem crâneo-sacral, quando um método de osteopatia me trouxe um aprendizado insuspeitável:

Escutar com as mãos!

A proposta era aprender a sentir a pulsação do líquido cérebro-espinhal, que sopra sua ritmicidade entre as fâscias / meninges, nas almofadas líquidas dos ventrículos intracranianos e

também na medula espinhal, o que vem a ser o movimento respiratório primário – MRP, aquele que instaura a singularidade rítmica de cada embrião, sendo o ritmo inaugural e ainda pulsante por 24h após a morte dos ritmos cardíaco-pulmonares. Compreender a relação entre a ritmicidade das fâscias e o movimento dos fluidos no grande caldeirão líquido que dá consistência a nossos corpos humanos permite encontrar no próprio corpo o sentido da tensão que permeia os vários níveis de densidade das matérias cósmicas. Sabemos que nossos corpos, assim como o corpo de Gaia, consistem com a mesma proporção de 73% de águas. E nesse plano vamos entender as intensidades. Em última instância, a única identidade está na singularidade rítmica.

Uma intensidade.

Um grau de potência.

Mas não identidades essenciais, pois, conforme a leitura que Deleuze faz do pensamento de Espinoza, podemos entender que:

[...] a essência em si mesma é um grau de potência ou de intensidade, uma parte intensiva [...] é verdade que uma essência se exprime numa relação, mas ela não se confunde com essa relação. Uma essência particular é uma realidade física; por isto as afecções são afecções da essência, e a essência, ela mesma, uma essência de corpo. Essa realidade física é uma realidade intensiva, uma existência intensiva. (DELEUZE, 1968, p. 291, tradução nossa).

O último sopro.

Sim, eu o senti no auge de minha ignorância, em meio a afetos urgentes ...

Há fetos... *Ur gentes*  
gesto embrionário  
dobra exterior tão íntima anima os labirintos  
fluidos do caldeirão líquido  
das memórias  
corpo do meu corpo  
caos reduplicado condensado de poeira sideral;  
no magma insoluto  
dos meus ossos  
voz do meu lume  
nos extremos dessa íntima distância  
pulsa teu ritmo primeiro e último sopro inaudível  
da diferença assimilada.

A vida e sua finitude precisam ser contempladas com dor sim, pois que são agudas, mas sem sofrimento. A dor se apresenta como dupla face: um limiar nervoso e também um grau de intensidade da experiência vívida, singular. O sofrimento já se modula por institucionalização das práticas normatizantes inserido que está nos papéis sociais e seus infortúnios.

Então, em nossas práticas semanais da pesquisa *O corpo sem alibi*, especialmente no que diz respeito a nossas pesquisas de práticas corporais e reinvenção de mundo, promovemos a cada encontro diferentes modos de ativar nossa competência de improviso, de operar com a potência do acaso, engendrando acontecimento.

Doer sim, sofrer não. Amar sim, temer não.

Este texto que apresentamos como proposições poéticas, tecidas por 9 + 1, tem como nexos nossas experimentações, nossos sonhos, nossos relatos de acontecimentos medulares de nossas vidas e nossas reflexões oriundas também de leituras que fazemos juntos ou que apresentamos ao grupo individualmente.

Nosso método de trabalho almeja a autogestão coletiva do conhecimento e disto estamos fazendo proveito nesta escrita dos atravessamentos de nove modos de sentir, de doer, de amar, que não nos rouba a singularidade vivida por cada um, mas nos restitui o que perderíamos se fôssemos apenas um.

A este respeito citamos aqui o bellissimo encontro que Antonio Negri faz com Espinosa em seu livro *Kairos, Alma Vênus, Multitudo – nove lições ensinadas a mim mesmo* (2003), onde ele se dobra sobre a dimensão ética, para torná-la constituinte das resistências ao controle do biopoder, fazendo valer não utopias, como referências de outros espaços, mas sim fazendo valer a crença no porvir que há de ser produzido por nosso amor, nosso trabalho e nosso conhecimento no plano linguístico e corporal do comum. Ouvindo Negri em seu capítulo *Multitudo, prolegômenos sobre o trabalho vivo*, sentimo-nos em plena ressonância (até mesmo quanto aos nove+1 que somos nesta escrita) quando ele diz:

Quando o trabalho é linguístico e afetivo, produção e reprodução não podem mais se separar; constituem, assim, um todo circular. E o trabalho vivo é de todos. É para sinalizar esta metamorfose que se manifesta no tornar-se comum do trabalho vivo, que se diz, laconicamente: o trabalho vivo tornou-se fêmea (é divenuto femmina). (NEGRI, 2003, p. 200).

## Referências

- BIENFAIT, Marcel. **Fisiologia da terapia manual**. Rio de Janeiro: Editora SUMMUS, 1989.
- DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon: Lógica da Sensação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Spinoza et le problème de l'expression**. Paris: Les éditions de Minuit, 1968.
- KLEE, Paul. **Sobre a arte moderna e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.
- NEGRI, Antonio. **Kairos, Alma Vênus, Multitudo: nove lições ensinadas a mim mesmo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.